

O ITEM ONDE E SUAS ROTAS DE MUDANÇA: UMA ABORDAGEM À LUZ DA TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO

Raniere Marques de Melo; Jackson Cícero França Barbosa

(Universidade Federal da Paraíba – prof.ranieremarques@gmail.com; Universidade Federal da Paraíba – jacksoncfb@id.uff.br)

Resumo: Objetivando apresentar e discutir a trajetória de gramaticalização do item onde, apresentamos esta pesquisa, a fim de evidenciar as rotas de mudança nele implicadas. Por se fundamentar nos pressupostos da linguística funcional, este trabalho parte do princípio de que, através da gramaticalização, os itens linguísticos sofrem deslizamento categorial, haja vista a fluidez ocorrente nas categorias sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas da língua. A partir de um corpus de língua escrita, mais precisamente, redações escolares do tipo dissertativo-argumentativo, conseguimos, através de dez redações, fomentar uma discussão acerca do conceito de gramaticalização e dos indícios que garantem a trajetória de gramaticalização desse item. Nesse sentido, observamos que o onde seguiu um percurso de mudança: saiu de sua função lexical – advérbio de lugar –, para uma função gramatical – pronome relativo de lugar – e, posteriormente, para uma mais gramatical – a de um conector interfrásico.

Palavras-chave: mudança por gramaticalização, deslizamento categorial, item *Onde*.

1. Considerações iniciais

Os estudos funcionalistas, que compõem o quadro das teorias da linguagem, concebem a língua enquanto meio de interação, constituído por uma forma e uma função. A gramática, sob esta ótica, é concebida como uma estrutura que está a serviço da função, isto é, uma gramática que está *centrada no uso*. O processo de aquisição da linguagem, nessa perspectiva, é dado de forma interacional, bem como a função da linguagem é a de estabelecer comunicação/interação entre os falantes. Em outros termos, o paradigma funcional privilegia o uso, o significado e o social, como veremos mais adiante. Em suma, entendemos o funcionalismo como uma corrente linguística que difere do estruturalismo e gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas (FURTADO DA CUNHA, 2010).

Diante disso, filiamo-nos ao Funcionalismo como aporte teórico desta investigação, já que, a partir do conceito de gramaticalização, concebe as categorias gramaticais como sendo fluidas e, conseqüentemente, os itens gramaticais. Faz-se, assim, necessária uma investigação mais pragmática e discursiva que reflita, por exemplo, sobre os elementos de coesão

mobilizados por alunos em redações. É evidente que a gramática tradicional, doravante GT, concebe esses elementos, a partir de definições e regras sintáticas, como estáticos dentro de uma sentença oracional. Pois bem, a proposta de investigação deste artigo é justamente investigar, a partir de uma visão não fragmentada, o comportamento de um dado item linguístico, levando em consideração a sua forma e os contextos em que foram empregados, bem como a sua relação sintático-semântica.

Diante do exposto e como forma de delimitação, não trataremos do quadro dos elementos coesivos, mas, especificamente de um item que, também, desempenha a função coesiva. O escopo principal deste trabalho é apresentar e discutir a trajetória de gramaticalização do item *onde*, evidenciando as rotas de mudança nele implicadas. Com isso, perceber que tal item linguístico sofre um deslizamento categorial, conforme o trajeto de mudança sinalizado aqui.

Como delimitação de *corpus*, selecionamos dez produções textuais em uma amostragem de uma prova bimestral realizada em três turmas da 3ª série do ensino médio de uma escola privada na cidade de Campina Grande-PB. As redações solicitadas aos alunos é do tipo dissertativo-argumentativo. Justificamos a quantidade escolhida para a análise por se tratar apenas dessas ocorrências na amostragem geral.

Para isso, na seção 2, discutiremos o conceito de gramaticalização. No tópico 3, apontaremos o trajeto histórico e descritivo do item *onde*. Por fim, apresentaremos uma análise para esse item, a partir de dez produções textuais do tipo dissertativo-argumentativo, como base na utilização dos pressupostos teórico-metodológico empregados.

2. O que é gramaticalização?

Antes de responder a essa questão, consideramos oportuno frisar que o termo gramaticalização não é recente, mas está engendrado no âmbito dos Estudos funcionalistas da linguagem. É necessário também destacar que esses não se opõem ao formalismo; ao que nos parece, não se trata de uma negação dos estudos da forma, antes o funcionalismo amplia a abordagem do formalismo, sendo este base para aquele. Fica evidente, assim, relações reentrantes entre estes paradigmas, singulares, contudo, complementares.

Na análise de viés funcionalista, os dados da pesquisa devem ser reais, pertencentes aos domínios da fala ou da escrita, ancorados em situações reais de comunicação, já que considera as circunstâncias extralinguísticas como determinantes para o uso de uma dada estrutura. Na esteira do entendimento de Furtado da Cunha (2008, p. 158), *o modelo funcionalista de análise linguística caracteriza-se por duas propostas básicas: a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si e as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico*. Sob esta ótica, estão sinalizadas duas propostas do Funcionalismo, a exemplo de “funções que são externas ao sistema linguístico” e “organização interna do sistema linguístico”. Essas expressões traduzem, de forma bastante elucidativa, o fato de que o Funcionalismo não despreza a forma, antes enxerga a função.

Mas, voltemos à questão. Primeiramente, é necessário dizer que não há uma resposta consensual entre os funcionalistas para esta pergunta, já que alguns defendem como *processo*; outros, como *paradigma* e como *princípio*. Porém, nosso objetivo pretendido não é fazer um levantamento dessas diferentes concepções, embora consideremos necessária. Martelotta (2011, p. 24), entende como um princípio, como *um tipo de alteração do valor da expressão linguística que a leva a assumir funções de caráter gramatical, típico de conjunções, preposições e outras categorias de elementos que ajudam a organizar o texto nas diferentes situações de comunicação*.

Para Castilho, a gramaticalização

[...] é habitualmente definida como um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante as quais (i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema (CASTILHO, 2010, p. 138).

Esse fenômeno, considerado assim por esse estudioso, em uma abordagem multissistêmica, restringe o papel da gramaticalização arranjadas em três subsistemas: fonologia, morfologia e sintaxe. Nesses termos, conforme Castilho (2010, p. 139), sob o ponto de vista funcionalista, *a rigor não existe gramática, o que existe é a gramaticalização. E a gramaticalização é um processo ao mesmo tempo sincrônico e diacrônico no qual velhas formas podem assumir novas funções*.

Ademais, pode ser considerada como um fenômeno de mudança linguística reconhecida como processos de criatividade linguística. Nesse sentido, vale lembrar que as

mudanças ocorridas na língua não são acidentais, mas seguem um cline de mudança: segundo Hopper e Traugott (1993, apud VITRAL; RAMOS, 2006, p. 15), “item lexical > item gramatical > clítico > afixo”.

Deve-se reiterar, a esse respeito, que o processo de gramaticalização considera a ocorrência da mudança a partir de três sistemas: quando um item se gramaticaliza sofre alterações na estrutura sintática, muda a estrutura morfológica da palavra, ou seja, muda de classe de palavras; semânticas: “esvazia-se” semanticamente ou “perde conteúdo”; e morfofonéticas em que ocorre perda de massa fonêmica, com a “redução” ou “diminuição” de sílabas, sons e/ou acento (VITRAL; RAMOS, 2006).

Levando a efeito essa pluralidade de sentidos para o termo gramaticalização, urge a necessidade de nos filarmos a um desses para servir como suporte teórico deste trabalho. Diante desse quadro, importa-nos aquela que define gramaticalização como

[...] um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 46).

Subjaz a essa definição que a gramaticalização é concebida *como as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguísticas que promovem a alteração de seu estatuto categorial* (GONÇALVES *et alli*, 2007, p. 17). Dito ainda de outro modo, a gramaticalização permite que um dado item lexical, ao assumir uma função gramatical, continue ainda sua trajetória, avançando para um estágio mais gramatical. O item *onde*, por exemplo, pelo que analisamos, segue esse cline de mudança: sai da categoria dos advérbios para a de operador argumentativo – *Léxico > Gramática e Menos gramatical > Mais gramatical* – apresentando inclusive desbotamento semântico.

Como se pode concluir do que foi dito até o momento, Martelotta, Votre e Cezario (1996) apresentam os seguintes fenômenos de mudança linguística que ocorrem no processo de gramaticalização:

- a) Trajetória de elemento linguístico do léxico à gramática [...];
- b) Trajetória de vocábulo a morfema [...].
- c) Trajetória de elemento linguístico da condição de menos gramatical (ou menos regular) para mais gramatical (ou mais regular) [...].
- d) Trajetória de elemento linguístico de mais referencial a menos referencial [...].

- e) Trajetória que leva uma construção sintática a se especializar em expressar função gramatical [...].
- f) Trajetória dos processos de repetição do discurso, no âmbito da criação e da intenção, em direção à gramática, através de regularização e sistematização.
- g) Trajetória que leva construções negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas (MARTELOTTA, VOTRE E CEZARIO, 1996, p. 47).

3. Onde: revisão de literatura

Para o Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa, de Silveira Bueno (1966) o item *onde* equivale a

adv. Lugar em que está, em que algum fato de passa. Lat. *unde*. Nota: este adv. indica o lugar sem movimento algum de afastamento ou de aproximação. Quando há movimento de afastamento, combina-se com a prep. de: *donde*; com a prep. a no sentido de aproximação: *aonde*. Nos documentos ainda clássicos da língua nem sempre foi observada esta distinção bastante moderna (BUENO, 1966, p. 2733).

Chama-nos atenção que o item *onde* pertencia fixamente a uma única classe: a dos advérbios. Bueno, contudo, ressalta que a diferença entre *onde* e *aonde* é bastante moderna, salientando que essa distinção não está contemplada nos documentos clássicos da língua.

Dando sequência a esse raciocínio, não se pode perder de vista as concepções que a GT atribuem a tal item. Quanto às funções, Rocha Lima (2011, p. 408) enumera: *Onde é pronome-advérbio, geralmente locativo; pode empregar-se com o valor de simples relativo*. Quanto à classificação, Bechara (2007) classifica o *onde* entre os pronomes relativos e entre os advérbios ou, simplesmente, como relativo (BECHARA, 2007, p.171), mas, em todos os casos, percebe-se que o termo estabelece unicamente a noção de lugar (locativo).

Ora, se em Bueno (1966) o *onde* está ligado a uma forma fixa, com referência locativa; por outro lado, a GT avança mais pouco ao considerar esse item também como pronome. Avança ou tenta acompanhar a língua em uso? Isso é a prova de que as línguas mudam, de que os falantes, nesse caso, empregaram o advérbio para estabelecer uma coesão intersentencial.

Trata-se, assim, não de considerar a visão da GT, uma vez que parece só dar conta da forma, através do enquadramento em uma categoria e um conceito. Para tanto, convocamos a oportuna contribuição de Marinho, que em sua Tese, a partir de uma investigação feita em textos acadêmicos, defende que *onde* atua na organização do discurso, como conector que liga

segmentos discursivo. Essa contribuição dialoga com nossos objetivos neste trabalho. O que se defende, portanto, é a fluidez categorial, o desbotamento semântico e a migração do item de foricidade para ser operador argumentativo.

Nesse sentido, elucidada:

[...] Se o onde funciona como um elemento que introduz um constituinte, (...), e que se refere a uma informação presente explícita ou implicitamente em constituinte anterior (que seria o seu antecedente), pode-se formular esse procedimento como requerendo a aplicação da instrução: retomar uma informação dada anteriormente (explícita ou implicitamente) estabelecendo com ela um elo de (cor)referência. Uma vez que a informação retomada pelo *onde* tende a apresentar um semantismo locativo, essa instrução pode ser assim expressa: retomar uma informação dada anteriormente (explícita ou implicitamente) e estabelecer com ela um elo de (cor)referência, fundado numa noção de lugar [...] (Marinho, *op. cit.* 89-90) [grifos da autora].

Na esteira desse entendimento, a autora defende a gramaticalização do item *onde*. Os dados da pesquisadora mostram que se trata de um elemento que introduz um constituinte na sentença. Em outros termos, esse item parece ser destituído de sua forma [+ locativa] para se tornar um elemento que se refere a uma informação explícita ou implicitamente já dada na sentença [- locativo]. Em consonância com esse raciocínio, nossa análise, a seguir, apresenta os dados que elucidam essa tese.

4. Trajetória de gramaticalização das formas linguísticas

Conforme mencionado anteriormente, nosso *corpus* é formado por fragmentos de avaliações da disciplina de produção textual em três turmas de 3ª série do ensino médio, em uma escola privada, na cidade de Campina Grande -PB. O critério de escolha e, inclusive, o que define a quantidade, aqui, a ser analisada é que se trata de ocorrências que não justificam o uso como pronome relativo, o que sugere, segundo a GT, incorreção na redação da sentença. Pois bem, esses dados são raros, já que demonstram efetivamente que os falantes não estão atribuindo o traço [+locativo] ao item *e*, conseqüentemente, este está em trajetória de mudança, dada a sua *recategorização* e o *desbotamento semântico*. Nossa análise, portanto, se valerá desses dois princípios de gramaticalização.

A recategorização desse item é dada porque houve a mudança de categoria gramatical. Nesse sentido, Neves (2006, p. 258) afirma que *muitos dos elementos usados na articulação*

de orações estão envolvidos em processo de gramaticalização, e observado o seu comportamento nos enunciados da língua, verifica-se que esses elementos podem ser colocados em diferentes pontos de escala [...]. Percebe-se, diante disso, que o onde saiu de sua forma (advérbio) para assumir atributos de uma categoria mais gramaticalizada.

No que se refere ao desbotamento semântico, o item, ao passar por esse processo, sofreu alterações semânticas em seu *continuum* de gramaticalização. O *onde*, nesse caso, saiu de uma categorial mais concreta [+locativo] para uma categoria mais abstrata [-locativo]; em outras palavras: *Espaço* > (*tempo*) > *texto* (TRAUGOTT; HEINE, 1991b). Assim, é pertinente dizer que esse item perdeu o seu sentido primeiro, tornou-se um operador argumentativo. A partir disso, destacamos:

Onde com valor de espaço concreto [+ locativo]

- (1) (...) É proibido qualquer trabalho a menores, porém podem trabalhar como aprendiz até o final do ensino médio ganhando em torno de um salário mínimo. Entretanto, **onde** a porcentagem de trabalho infantil é maior no nordeste (...).
- (2) Ainda a intolerância ainda é grande em relação as crenças e a etnias, não sabemos **onde** as pessoas querem chegar com isso enquanto as vítimas sofrem violentamente.

Essas duas ocorrências mostram o *onde* remetendo-se a espaço físico-territorial e até mesmo a um espaço nocional, como apontado em (2). Contudo, em não observância à GT, (1) apresenta incorreção plena, já *aonde* deveria ocupar seu lugar na sentença. Essas considerações semânticas e sintáticas revelam que o item, embora em outra categoria, sugere uma perda de seu sentido fundante. O desbotamento semântico postulado pela gramaticalização se refere, portanto, a uma mudança da natureza semântica de um item em gramaticalização (concreto > abstrato), e não propriamente a uma perda de significação. No nível da sintaxe, o item (2) pode ser substituído por *em que*, o que evidencia seu pertencimento à categoria de pronome relativo.

Onde como elemento fórico excludente

- (3) Dentre as mais diversas penitenciárias do Brasil são raras as que possuem programas de que deem oportunidade de estudo e trabalho para redução de pena **onde** se encaixam poucas penitenciárias e poucos condenados com a oportunidade de mudar de vida.

Numa leitura aligeirada desse dado, a tendência seria considerar que o item em questão estaria retomando o SN “diversas penitenciárias do Brasil”. Contudo, se prestarmos bem atenção, veremos que o onde retoma o SN “programas...”. Assim, o item foi usado como elemento para o encadeamento intersentencial; ademais, foi empregado no seu uso mais abstrato, ou seja, [-locativo]. Quanto à semântica, o item introduz uma nova informação que recusa uma possível exequibilidade da ação prevista anteriormente. Essa comprovação avigora a ideia de que o conector relativo perdeu seu estatuto gramatical inicial e passou a assumir uma nova função no plano textual.

Onde como operador conclusivo

- (4) (...) Assim como o Aedes, em Santos (SP) há um tempo atrás ocorreu a Peste bubônica, **onde** Oswaldo Cruz se viu na necessidade de enfrentar e combater essa peste.
- (5) (...) No século XV, a ideia de infância não existia, pois as crianças eram vistas como adultos em miniatura, temos como exemplo a Revolução Industrial, **onde** as crianças trabalhavam tanto quanto os adultos.
- (6) (...) Com isso hoje a grande maioria se torna católica ou protestante, e diante de uma sociedade que se diz laica as influências religiosas são de grande destaque **onde** essas duas religiões tem total liberdade na sociedade (...).
- (7) (...) A intolerância não é algo tão simples como parece, visto que muitas pessoas ainda convivem com pensamentos arcaicos, muitas vezes por ser uma questão cultural **onde** há uma convivência desde a infância (...).
- (8) (...) No âmbito Brasileiro, essa problemática foi iniciada no período da colonização, **onde** os portugueses imperialistas caracterizavam os aspectos culturais Indígenas e Africanos como sendo inferiores (...).

Essas cinco cláusulas são constituídas por *onde* com valor conclusivo, já que iniciam as sentenças que exprimem uma ideia de consequência em relação ao fato que foi dito anteriormente. Conforme defendido ao longo deste trabalho, através da gramaticalização, o item perdeu o seu sentido original e passou a assumir uma nova categoria, a de operador conclusivo.

Onde como operador consecutivo

- (9) Com isso, surgem as relações de alteridade, **onde** os povos lusos julgaram-se superior aos nativos e também aos africanos trazidos para colônia.

Esse sentido atribuído ao item é dado porque ele introduz uma ideia de consequência para o fato apresentado na oração anterior. Nesse sentido, a oração introduzida pelo item se ocupa em apontar a decorrência, o resultado, previsto na oração que a antecede. Ratificamos, com isso, a nossa hipótese de que houve a dessemantização e a recategorização gramatical de tal item.

Onde como operador explicativo

- (10) (...) Historicamente, pode-se explicar o surgimento das periferias a partir da ideia de Karl Marx **onde** consiste em uma relação onde dominantes exercem um poder sobre dominados

Por fim, os nossos dados apontaram ainda esta ocorrência. O item introduz uma explicação da oração que lhe antecede. Assim, muito distante do sentido [+locativo], o onde introduz uma justificativa dada à sentença anterior.

Diante dessas dez ocorrências, é possível afirmar que o item sofreu perda semântica e, a partir de novas funções, foi incorporado em uma nova categoria gramatical.

Considerações finais

À guisa de nossas reflexões, concluímos que, apesar de a GT considerar, de forma fixa, o *onde* como advérbio de lugar e relativo, ambos com sentido de lugar, os nossos dados revelaram outros usos, com sentidos diferentes do fundante. Ademais, apontamos, de forma resumida, a trajetória do *onde*: partiu de item lexical locativo (advérbio) para um item mais gramatical (pronomes relativos, noção de exclusão e de conclusão), uma vez que assume o papel de conector, expressando outros sentidos e, conseqüentemente, outras noções gramaticais.

E assim, damos por atingidos os objetivos deste trabalho se este puder constituir motivação e base para pesquisas futuras. Os resultados obtidos com a análise do onde mostraram que o item, em seu caminho de mudança *lexical > gramatical > mais gramatical*, sofre modificação dado o uso dos falantes, neste caso, em texto escrito.

Referências

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**: vocábulos, expressões da língua geral e científica - sinônimos - contribuições do tupi-guarani. Vol. 5. São Paulo: Saraiva, 1966.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; CARVALHO, C. dos S. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARINHO, Janice Helena Chaves. **O funcionamento discursivo do item onde**: uma abordagem modular. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. (Tese, Doutorado em Estudos Lingüísticos)

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem)

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROCHA LIMA. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 49.ed., 2011.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 1991a. v. 1.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. **Gramaticalização**: uma abordagem formal. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

VOTRE, S. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 27-43.